

Práticas Acadêmicas Inclusivas



INSTITUTO
FEDERAL
Bahia

FICHA TÉCNICA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA

Reitor Pró-Tempore

Renato da Anunciação Filho

Pró-reitora de Ensino

Jaqueline Souza de Oliveira

Chefe do Departamento de Permanência e Assistência Estudantil

Railda de Freitas Santos

Elaboração

Lívia Maria Reis Pereira

Revisão

Cláudia Cunha Torres da Silva

Gilson Magno dos Santos

Railda de Freitas Santos

Diretoria de Gestão da Comunicação Institucional do IFBA/DGCOM

Colaboração técnica

Lívia Cristina Cunha de Carvalho

Projeto gráfico e Ilustrações

Diretoria de Gestão da Comunicação Institucional - DGCOM

Pró-reitoria de Ensino - PROEN

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
ENTENDENDO A POLÍTICA DE INCLUSÃO DO IFBA	9
EM SALA DE AULA	13
DEFICIÊNCIA FÍSICA/MOTORA	14
DEFICIÊNCIA VISUAL	15
DEFICIÊNCIA AUDITIVA	17
DEFICIÊNCIA VISUAL E AUDITIVA (SURDOCEGUEIRA)	19
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)	20
TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO (TGD)	22
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE (TDAH)	23
TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DA APRENDIZAGEM	25
Estudante com prejuízo na leitura	25
Estudante com prejuízo da matemática	26
Estudante com prejuízo na expressão escrita	27
ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO	28
RECOMENDAÇÕES GERAIS	31
REFERENCIAL TEÓRICO	33

APRESENTAÇÃO

The image features a dark blue background with a large, semi-transparent purple circle on the left side. Overlapping this circle and extending towards the right are several light blue, semi-transparent lines and shapes, including a large circle and a horizontal lens-like shape. The text 'APRESENTAÇÃO' is positioned in the upper left quadrant of the purple circle.

APRESENTAÇÃO

Professor(a),

Essa publicação convida a uma reflexão acerca das limitações, mas, principalmente, das potencialidades da pessoa com deficiência, no espaço educacional. Aqui estão apresentadas, ainda, particularidades próprias de indivíduos com altas habilidades/superdotação, transtorno global do desenvolvimento e dificuldade de aprendizagem.

É uma ferramenta elaborada para auxiliar a relação com o estudante, alicerçada na noção de inclusão que é a busca de adequações e adaptações de currículos, métodos e recursos, com vistas a atender às necessidades educacionais dos discentes. Destaca-se ser “a escola um espaço de construção do conhecimento, onde se deve proporcionar a todos os cidadãos a possibilidade de desenvolver competências” (PPI / IFBA)




Ante o exposto, essa cartilha considera que:

- o planejamento do trabalho do professor, considerando a unicidade da pessoa e da deficiência, deve ser estruturado a partir das possibilidades e potencialidades do seu estudante;
- todo estudante tem características próprias da idade, e as limitações cognitivas ou físicas daquele com deficiência ou com dificuldade de aprendizagem não devem motivar um tratamento desigual. Ele deve ser tratado de forma igualitária, inclusive sendo repreendido e advertido, quando necessário;
- os estudantes com deficiência, na medida em que lhes couber, devem ter garantias de: TA (Tecnologia Assistiva); recursos e serviços de acessibilidade pedagógica e/ou metodológica, da informação, da comunicação, dentre outros.



Não existem fórmulas prontas para a formação educacional do discente com Necessidades Educacionais Específicas, contudo, essas diretrizes podem auxiliar na percepção das singularidades dos seus estudantes.



**ENTENDENDO A
POLÍTICA DE INCLUSÃO
DO IFBA**

ENTENDENDO A POLÍTICA DE INCLUSÃO DO IFBA

RESOLUÇÃO CONSUP Nº30/2017 (comentada)

Capítulo III: Da Acessibilidade Pedagógica

- *“Assegurar aos discentes com necessidades educacionais específicas¹, adaptação dos recursos instrucionais: material pedagógico, equipamentos e currículo”.*

As adaptações pedagógicas poderão ser realizadas pelo próprio docente em sala de aula, por se tratar de metodologia de ensino. É importante haver uma interlocução com o setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas sobre essas adaptações, muito embora algumas só possam ser realizadas pelo próprio Núcleo, tais como: transcrever material para o Braille ou realizar uma audiodescrição para estudantes cegos.

- *“Adaptação de recursos físicos: eliminação de barreiras arquitetônicas, ambientais e de comunicação”.*

Algumas atitudes simples contribuem para quebrar as barreiras que impedem a participação plena do estudante com deficiência no ambiente escolar: diminuir os estímulos perturbadores para o estudante autista; posicionar-se de frente para o estudante surdo, favorecendo a leitura labial; manter sinalizações em Braille; utilizar cores com alto contraste para facilitar a visualização dos estudantes com baixa visão, etc.

- *“Assegurar renovação de matrícula aos estudantes com deficiência”.*

Os estudantes com deficiência têm assegurado o direito de concluir seu curso em um tempo maior, considerando o tempo previsto no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) para os demais estudantes. Em contrapartida, os estudantes com superdotação podem concluir antes do tempo mínimo de conclusão previsto no PPC, tendo a garantia da aceleração,

¹ Esse termo refere-se aos estudantes com deficiência, com transtornos específicos de aprendizagem, com altas habilidades/superdotação e com transtornos globais do desenvolvimento.

mediante parecer dos profissionais do setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas.

• *“Em caso de reprovação, assegurar flexibilização curricular ao tempo de aprendizagem do aluno com deficiência ou transtorno global do desenvolvimento”.*

Caso um estudante com deficiência ou transtorno global do desenvolvimento seja obrigado a repetir o período letivo, ele tem direito à dispensa de avaliação nas disciplinas nas quais obteve aprovação. O estudante deverá comparecer a todas as aulas, mas só será avaliado nas disciplinas que foi reprovado.

• *“Assegurar aos alunos com necessidades educacionais específicas a utilização de diferentes procedimentos de avaliação, inclusive tempo diferenciado para realizá-los”.*

O professor definirá, sob orientação do setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas:

1. quais as competências esperadas para o seu aluno;
2. o tipo de avaliação mais apropriada para o aprendizado do estudante;
3. o tempo necessário para o mesmo responder à avaliação escrita ou oral.

Caso o professor não disponha de tempo extra para permanecer em sala, deve comunicar, com antecedência, ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, a fim de que o setor se organize para tal atendimento. Se, porventura, houver necessidade de tradução/transcrição da avaliação, o professor deverá informar ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com antecedência mínima de três dias.

- *“Promover o acesso e participação dos alunos com necessidades específicas nas atividades de recreação, educação física, esportivas, lazer, por meio da adequação e utilização de tecnologia assistiva, buscando ampliar as habilidades funcionais e promover maior integração e convivência entre todos os estudantes”.*

Os professores, juntamente ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, avaliarão as formas de participação dos estudantes com deficiência em TODAS as atividades de classe e extraclasse, incluindo as aulas de educação física. Busque, sempre, garantir que o estudante com necessidades educacionais específicas participe de alguma etapa desse planejamento. Em alguns casos, a família precisa, também, ser ouvida.

- *“Garantir complementação de aprendizado aos estudantes com necessidades específicas na sala de AEE. Garantir complementação e/ou suplementação à formação da classe regular aos alunos com superdotação; garantir atendimento aos estudantes com deficiência intelectual visando a que o mesmo desenvolva atividades para uma vida autônoma”.*

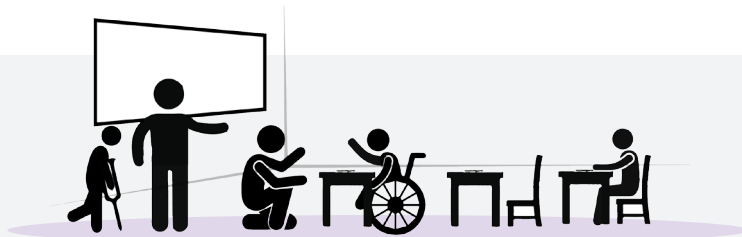
A Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), onde se desenvolve o Atendimento Educacional Especializado (AEE), é um espaço coordenado por um professor especialista em educação inclusiva. Esse espaço tem o objetivo de buscar alternativas para a promoção do aprendizado do estudante com deficiência, empregar recursos pedagógicos e tecnologias assistivas, considerando suas especificidades. A classe do AEE não é um reforço da sala comum, pois o professor especialista responsável não ensina o conteúdo das disciplinas, mas desenvolve com o estudante estratégias e métodos de como aprender.



Os atendimentos extraclasse realizados pelo professor da classe regular não são substituídos pelo Atendimento Educacional Especializado.

EM SALA DE AULA

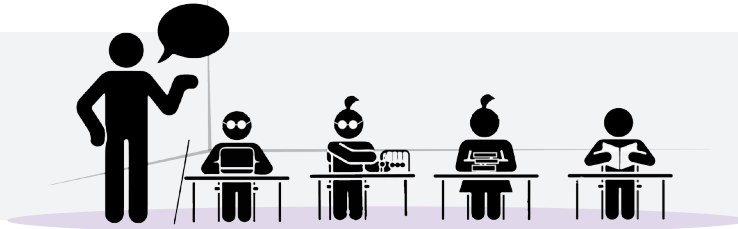
DEFICIÊNCIA FÍSICA/MOTORA



- A melhor forma de ajudar o estudante com deficiência é oferecer ajuda. Deixe o próprio estudante escolher como você deve proceder.
- Só utilize métodos especiais de ensino para os estudantes com deficiência física ou motora se a deficiência for resultante de alguma lesão neurológica. **IMPORTANTE:** o estudante com deficiência física não tem deficiência intelectual.
- Organize a sala de aula de modo a permitir a mobilidade do estudante cadeirante e facilitar a locomoção de estudantes com muletas.
- Se a conversa for extensa, procure colocar-se na mesma altura dos olhos do estudante cadeirante.
- Na disposição das cadeiras na sala de aula, procure estar atento para que as muletas do estudante estejam sempre ao alcance de suas mãos.
- Fique à vontade ao utilizar vocábulos como 'correr' ou 'caminhar', pois as pessoas com deficiência também os empregam naturalmente.
- Não movimente a cadeira de rodas sem antes perguntar ao estudante se pode fazê-lo. A cadeira é parte do espaço corporal da pessoa com deficiência física.

- Busque orientação junto ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas ou a algum profissional habilitado em inclusão.

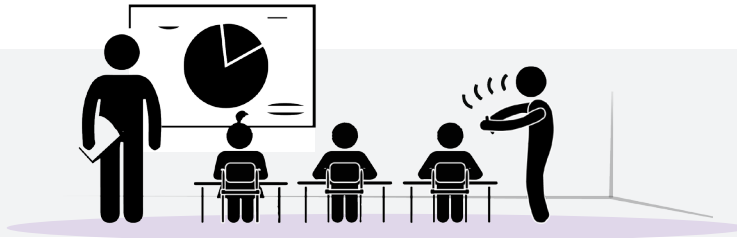
DEFICIÊNCIA VISUAL



- A deficiência visual engloba uma graduação que vai desde a baixa visão até a cegueira total. Cada tipo requererá adaptações específicas.
- Ofereça ajuda sempre que um estudante com deficiência visual (cegueira ou baixa visão) necessite. Pergunte-lhe antes de agir e solicite explicações de como fazê-lo.
- Utilize recursos didáticos que promovam a percepção tátil, auditiva, olfativa, gustativa de modo a ampliar as formas de percepção do conteúdo programático e as formas de aprendizado do estudante cego.
- Informe ao estudante sempre que houver alteração na organização do espaço físico e do mobiliário da sala de aula.
- Forneça ao estudante com deficiência visual, ou ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com a devida antecedência, todo o conteúdo textual da disciplina (o plano da disciplina, livros digitalizados, textos, apostilas e demais materiais didáticos), de preferência em formato digital, para que possam ser impressos em Braille ou se verifique a necessidade de aumento de contraste e tamanho da fonte.

- Alguns conteúdos só podem ser apreendidos visualmente, como gráficos, tabelas e figuras. Dentre estes, as figuras têm componentes ainda mais sutis. Caso o material da sua disciplina contenha esses elementos, encaminhe-o ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas para que possam ser descritos em português (audiodescrição). Em alguns casos, a melhor opção é a construção ou aquisição de modelos táteis que facilitam a compreensão através do uso do tato (maquetes, elementos em alto-relevo, etc.), unindo essa estratégia à exposição oral da descrição do material.
- O estudante com deficiência visual dispõe de uma gama de instrumentos que o auxiliam na aprendizagem, como gravador, máquina de escrever Braille, computador com programas sintetizadores de voz e leitores de texto. Permita e estimule o uso desses recursos durante as aulas.
- Discuta com o setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas qual a melhor forma de avaliação do estudante cego, com baixa visão ou daltônico (prova em Braille, prova oral, apresentação de seminários, portfólios, etc), tendo em vista as competências do estudante e as exigências da disciplina.
- Procure não excluir o estudante com deficiência visual das atividades acadêmicas e sociais. Descubram juntos a melhor forma de incluí-lo.
- Busque orientação junto ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, ou a algum profissional habilitado em inclusão, para traçarem juntos estratégias de inclusão dos deficientes visuais em todas as atividades desenvolvidas em sala de aula, bem como, a utilização de tecnologias assistivas de que o campus dispõe (ou pode vir a desenvolver, de acordo com a vivência junto ao estudante).

DEFICIÊNCIA AUDITIVA



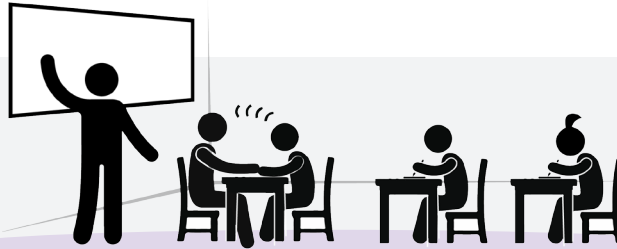
- Existem duas realidades distintas: **pessoa surda** é aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras (Brasil, 2005) e, **deficientes auditivos** - comunicam-se através da Língua Portuguesa e, em alguns casos, utilizam tecnologia assistiva (aparelho auditivo, implante coclear, dentre outros). Os deficientes auditivos oralizados (surdos que utilizam uma língua oral para se comunicar), em vários casos, realizam a leitura labial. A distinção dessas duas realidades favorece o aprendizado e a comunicação. Verifique a condição do estudante com deficiência auditiva na sua classe.
- Se houver um estudante surdo na classe, procure utilizar mais a escrita e recursos visuais, para favorecer a apropriação do conteúdo abordado verbalmente. Quando estiver falando, posicione-se de frente, de forma a ficar no campo visual do estudante com deficiência auditiva.
- Trate-o normalmente, como qualquer estudante, sem discriminação ou distinção.
- Utilize todos os recursos que facilitem a compreensão do seu aluno: dramatizações, mímicas, materiais visuais, dentre outros.
- Utilize sempre legenda quando for projetar imagens, filmes e vídeos.
- Um estudante que utiliza prótese auditiva ou implante coclear sente muita sensibilidade em ambientes com muitos ruídos. Procure evi-

tar barulhos altos e desnecessários e estimule a turma a cooperar, compreendendo essa limitação.

- Tente organizar a classe de modo que o estudante com deficiência auditiva realize a leitura labial também de seus colegas. Uma opção é dispor as cadeiras em círculo ou semicírculo.
- Na avaliação da aprendizagem do estudante surdo, o desempenho linguístico não deve interferir negativamente na performance acadêmica desse estudante, que já possui, por sua perda auditiva, uma defasagem linguística referente à Língua Portuguesa (falada e/ou escrita). Lembre-se que a modalidade escrita da Língua Portuguesa é a segunda língua para os estudantes surdos (Decreto nº5.626/05).
- Procure promover o idioma do estudante surdo (LIBRAS, caso ele seja usuário dessa língua) como meio de comunicação, como veículo de educação e de ensino-aprendizagem.
- O intérprete de LIBRAS traduzirá/interpretará as aulas ministradas e as interações sociais estabelecidas entre docentes e discentes e entre discentes, colaborando para apreensão do conteúdo e do contexto social onde acontece a aula. Muitas vezes, o intérprete necessitará conhecer, antes, o conteúdo a ser ministrado, para encontrar a tradução mais apropriada dos vocábulos.
- O intérprete não tem o papel de ensinar, mas de traduzir e interpretar o conteúdo oral da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, do professor para o estudante surdo. Essa atividade exige estratégias mentais na arte de traduzir e interpretar o conteúdo das explicações, questionamentos e dúvidas, o que torna o trabalho mentalmente cansativo. Colabore com o intérprete!
- Busque orientação junto ao Setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas ou a algum profissional habilitado em inclusão para traçarem juntos estratégias de in-

clusão dos deficientes auditivos em todas as atividades desenvolvidas em sala de aula, bem como a utilização de tecnologias assistivas de que o campus dispõe (ou pode vir a desenvolver, de acordo com a vivência junto ao estudante).

DEFICIÊNCIA VISUAL E AUDITIVA (SURDOCEGUEIRA)



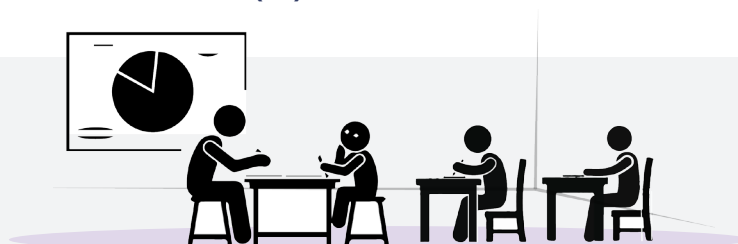
- O surdocego tem comprometimento na visão e na audição, simultaneamente, podendo variar os graus de deficiência: existência de um resíduo auditivo e de um resíduo visual; surdez total e resíduo visual; resíduo auditivo e cegueira total; ou surdez e cegueira totais.
- Formas de comunicação do surdocego:
 1. Alfabeto manual - consiste em fazer, com a mão, um sistema de signos sobre a palma do interlocutor. São variados os códigos adotados nesse procedimento. A forma mais usual é aquela onde cada letra é representada pelas diferentes posições dos dedos e da mão.
 2. Língua de Sinais - forma de comunicação construída no espaço, através de configurações das mãos em movimentos diferentes e pontos de contato no corpo.
 3. Tadoma - método de linguagem receptiva, no qual a pessoa surdocega, através do tato, decodifica a fala do seu interlocutor. Consiste em colocar a mão no rosto do locutor, de tal forma que o polegar toque, suavemente, seu lábio inferior e os outros

dedos pressionem, levemente, as cordas vocais. Este procedimento possibilita a interpretação da emissão dos sons, através do movimento dos lábios e da vibração das cordas vocais.

4. Sistema Braille - arranjo de seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos. As diferentes posições desses seis pontos permitem a representação de todas as letras do alfabeto, dos sinais de pontuação, dos símbolos da matemática, da música e outros, que são percebidas pelo tato da ponta dos dedos. ([www.http://guarulibras.blogspot.com.br/p/comunicando-se-com-um-surdocego.html](http://guarulibras.blogspot.com.br/p/comunicando-se-com-um-surdocego.html))

- A aprendizagem do estudante surdocego dar-se-á através do guia-intérprete. Este profissional atua como canal de comunicação e visão entre a pessoa com surdocegueira e o meio no qual ela está interagindo.
- Os educadores e os profissionais que fazem contato com o estudante precisam de uma identificação pessoal, que deverá ser tateada pelo estudante, com o objetivo de identificar a pessoa. Para educadores e profissionais, as pistas sugeridas são pulseiras diferenciadas, uma para cada profissional. No caso dos familiares, as pistas são mais íntimas, como, por exemplo, barba, cabelo, rosto, etc.

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)

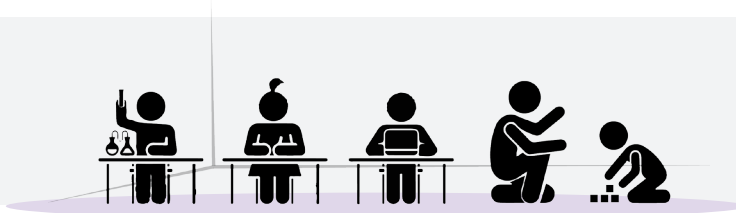


- Busque informações sobre o seu estudante com Deficiência Intelectual, para a elaboração de um Plano de Desenvolvimento Individual. Inclua interesses, preferências, habilidades e limitações em casa e

na vida social. Esses conhecimentos podem ser decisivos para o sucesso das intervenções de inclusão escolar.

- Estudantes com DI, normalmente, apresentam limitação do vocabulário e dificuldades de linguagem expressiva e receptiva. Procure utilizar um vocabulário acessível e explicações mais objetivas.
- A repetição de explicações é, quase sempre, necessária. Uma forma de tornar eficaz a repetição é aliar o uso de recursos visuais e auditivos à instrução verbal.
- Seja o mais concreto possível com seu aluno com Deficiência Intelectual, evitando abstrações. Estudantes com DI aprendem melhor quando a instrução é objetiva e concreta. O uso de recursos audiovisuais e experiências práticas complementares, bem como, a criação de elos entre os novos conhecimentos e os previamente adquiridos, são de grande utilidade nesse contexto.
- Orientações para as atividades em sala de aula e tarefas de casa do estudante com Deficiência Intelectual:
 1. forneça instruções como passo a passo e divida cada nova tarefa em pequenos passos; ajude o estudante a identificá-los e corrija através de demonstração;
 2. trabalhos em sala de aula realizados em duplas ou grupos são bem-vindos.
- Procure dar devolutiva (feedback) imediata, permitindo ao estudante interpretar rapidamente a adequação de suas respostas, perguntas ou comportamentos às informações transmitidas.
- Busque orientação junto ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas ou a algum profissional habilitado em inclusão para traçarem juntos estratégias de inclusão dos deficientes intelectuais em todas as atividades desenvolvidas em sala de aula, bem como a utilização de tecnologias assistivas de que o campus dispõe.

TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO (TGD)



- Os Transtornos Globais do Desenvolvimento englobam os diferentes transtornos do espectro autista, as psicoses infantis, a Síndrome de Asperger, a Síndrome de Kanner e a Síndrome de Rett.
- No geral, estudantes com autismo podem apresentar: gestos repetitivos e estereotipados, rotina rígida, pensamento concreto, resistência a contatos físicos e dificuldade de interação social.
- Estudantes com Transtornos do Espectro Autista (TEA), frequentemente, apresentam exagerado apego a rotinas. Dessa forma, o professor pode facilitar a previsibilidade da rotina, usando instrumentos de planejamento visual, como agendas ilustradas, calendários e sequência das atividades, indicando o que vai acontecer e em quais momentos.
- Os jovens com síndrome de Asperger apresentam mais questões relacionadas à socialização e ajustamento comportamental. Podem ser confundidos com “nerds”, na adolescência.
- Um estudante com síndrome de Asperger difere de um estudante com autismo, embora ambas estejam no rol das TGDs. Daí a importância de procurar informações sobre o grau e a síndrome do seu aluno.
- Antes do início do semestre, busque se informar sobre as potencialidades cognitivas do estudante com TGD, definir os objetivos educacionais a serem alcançados, o tempo e suporte necessários, além de estabelecer critérios objetivos de avaliação.

- Organize um sistema de registro individual de desempenho e comportamento, que vise retratar o desenvolvimento do estudante com TGD e facilite a avaliação do estudante.
- Busque identificar qual o tempo de tolerância ao aprendizado, em sala de aula, do estudante com TGD.
- Busque orientação junto ao setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas do campus ou a algum profissional habilitado em inclusão, de como realizar o planejamento de aula para um estudante com um dos TGDs e como lidar com desobediências, confrontos, hiperatividade, estereotípias, rigidez cognitiva e dificuldade de relacionamento com os colegas.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE (TDAH)

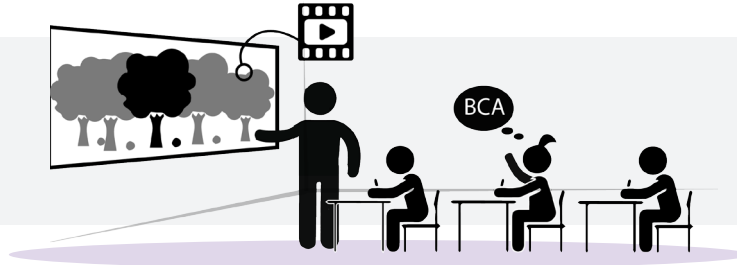


- É predominante nesse transtorno a desatenção. Os estudantes apresentam dificuldade maior de concentração, de organizar atividades, de seguir instruções e podem saltar de uma tarefa inacabada para outra, sem nunca terminar aquilo que começaram. Distraem-se com facilidade, não conseguem prestar atenção em detalhes, demoram em iniciar as tarefas.
- Peça que o estudante tome assento distante de locais que possam provocar distração (janela, porta, etc.) ou de colegas inquietos e desatentos.

- Procure tornar o processo de aprendizado o mais concreto e visual possível.
- As instruções devem ser curtas, objetivas e segmentadas.
- Caso o estudante tenha dificuldades para fixar conhecimentos, através de exposições visuais, incentive-o a utilizar recursos verbais, como, por exemplo, gravação das aulas, para recordá-las em casa.
- Assegure-se que o estudante escutou e entendeu as explicações e instruções.
- Mantenha expostas apenas as informações necessárias para o tema.
- Antes de iniciar uma nova matéria, utilize alguns minutos para recordar a matéria anterior. Desta forma, criam-se elos entre os assuntos, favorecendo a atenção e fixação das informações na memória.
- Após uma pergunta, dê um tempo extra para reflexão do estudante.
- Procure priorizar o progresso individual do estudante com TDAH, tendo por base um Plano Educacional Individualizado e a valorização de aspectos qualitativos, em vez de quantitativos.
- Quando possível, realize avaliação oral, em vez de escrita ou avaliações a serem realizadas em casa, em vez de realizadas na escola.
- Na medida do possível, permita ao estudante fazer suas avaliações em um lugar com menos estímulos comprometedores de sua atenção.
- O estudante não deve ser avaliado pela sua caligrafia.
- Estimule o hábito de registrar as atividades de casa, com o objetivo de estimular a atenção na disciplina e a interação familiar no processo formativo.

TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DA APRENDIZAGEM

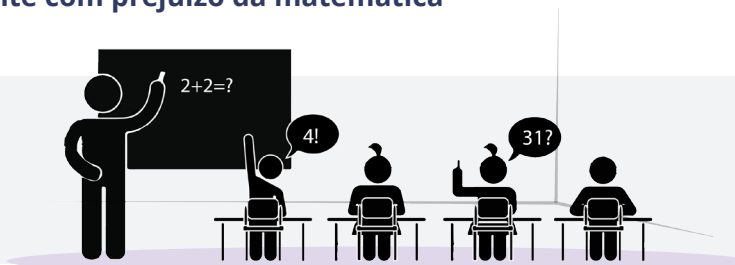
Estudante com prejuízo na leitura



- A dislexia é uma dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da correspondência entre os símbolos gráficos (grafemas) e os fonemas, na habilidade de decodificação e em soletração.
- O estudante com dislexia tende a lidar melhor com as partes do que com o todo (“ver a árvore, mas não conseguir ver a floresta”), portanto, deve ser auxiliado na dedução dos conceitos.
- Procure dar informações curtas e espaçadas, pois estudantes com dislexia, frequentemente, apresentam dificuldades para reter informações mais longas, o que prejudica a compreensão das tarefas. A linguagem também deve ser direta e objetiva.
- Procure utilizar mais elementos visuais (figuras, gráficos, vídeos, etc.).
- Exercícios de fixação, repetitivos e numerosos não diminuem a dificuldade dos estudantes disléxicos.
- Considere que a velocidade da escrita do estudante com dislexia é mais lenta, em razão de dificuldades de orientação e mapeamento espacial, além da dificuldade de discriminação dos fonemas/grafemas, entre outras razões.
- Indique filmes, documentários, peças de teatro, visita a museus, sobretudo, recursos digitais, como opção para atividades de aprendizado complementar.

- Busque priorizar o progresso individual do estudante com dislexia, tendo por base um Plano Educacional Individualizado e a valorização de aspectos qualitativos, em vez de quantitativos.
- É recomendado que, em vez de poucas avaliações cobrando muito conteúdo, sejam realizadas mais avaliações com menor quantidade de informações (segmentação).
- Busque personalizar a avaliação do estudante com dislexia com recursos gráficos que substituam palavras e textos, avaliação oral. Evite as avaliações contendo, exclusivamente, textos longos.
- Procure não expor esse estudante perante seus colegas em virtude de suas dificuldades, sobretudo de ler ou escrever em público.

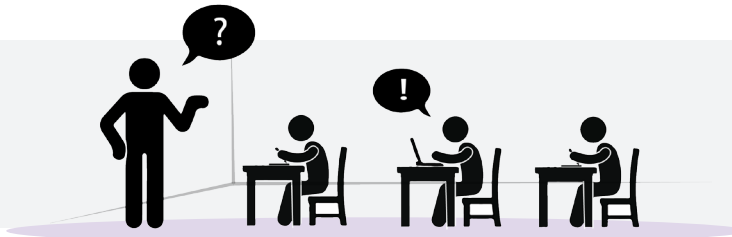
Estudante com prejuízo da matemática



- A discalculia pode evidenciar-se já no aprendizado aritmético básico, e, mais tarde, na elaboração do pensamento matemático mais avançado.
- Na Discalculia de Procedimento o estudante não sabe como fazer a conta.
- Na Discalculia Semântica, o estudante não distingue o que é maior e menor, longe e perto e a plausibilidade da resposta, por exemplo: $48-34 = 97$.
- No geral, são características da discalculia:

1. lentidão da velocidade de trabalho;
 2. dificuldades em lidar com operações, como soma, subtração, multiplicação e divisão;
 3. dificuldade de lidar com grande quantidade de informação de uma só vez;
 4. confusão com os símbolos matemáticos;
 5. dificuldade em entender palavras usadas na descrição de operações matemáticas, como “diferença”, “soma”, “total”, “raiz quadrada”;
 6. dificuldade de orientação espacial e em se posicionar na folha de papel.
- Permita o uso de calculadoras em sala de aula.
 - Se possível, transforme o enunciado do problema em situações concretas.
 - Busque interlocução, através do setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com os profissionais que atendem o estudante, para definir o tipo e grau da discalculia e as melhores medidas de suporte escolar que se aplicam ao caso. Isso permite estimular, em sala de aula, os aspectos trabalhados na clínica, tornando o processo interventivo integrado e mais eficaz.

Estudante com prejuízo na expressão escrita



- A disgrafia é um distúrbio da escrita, no qual a pessoa apresenta dificuldades em escrever as letras e os números.

- Permita ao seu aluno utilizar a digitação ao invés da escrita. Caso não seja viável, não o punte pela caligrafia.
- Se possível, realize avaliações orais.
- Caso a disgrafia seja mais severa, alguns softwares de reconhecimento de voz podem ser úteis para a conversão em texto.
- Permita ao estudante utilizar recursos que o auxiliem no aprendizado em sala de aula.
- Busque interlocução, através do setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com os profissionais que atendem o estudante, para definir o tipo e grau da disgrafia e as melhores medidas de suporte escolar que se aplicam ao caso. Isso permite estimular, em sala de aula, aspectos trabalhados na clínica, tornando o processo interventivo integrado e muito mais eficaz.

ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO



- Pessoas com altas habilidades/superdotadas apresentam notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos (isolados ou combinados): capacidade intelectual superior; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora.
- O ambiente de ensino e o currículo devem ser estimulantes e atender às necessidades cognitivas, físicas, emocionais e sociais do estu-

dante, permitindo que adquira os conhecimentos e atinja os objetivos curriculares na sua velocidade e profundidade.

- Busque ofertar atividades extracurriculares diversas, que proporcionem o enriquecimento dos conhecimentos desse estudante.
- Permita ao estudante desenvolver projetos independentes, motivado por seus próprios interesses e com base em suas habilidades. Estimule o pensamento criativo e original na resolução de problemas e correlação de conhecimentos.
- Estimule habilidades de pesquisa no acesso à informação, pensamento crítico, criatividade na resolução de problemas.
- Estimule o estudante com altas habilidades/ superdotação a colaborar com seus colegas, buscando não deixá-lo acomodar-se. Ele exige desafios permanentes.
- Encoraje o estudante com altas habilidades/superdotação a participar de atividades extracurriculares que envolvam habilidades acadêmicas, como olimpíadas de matemática, concursos de literatura e redação, feiras de ciências, etc.
- Estudantes superdotados podem apresentar dificuldades em ajuste psicossocial, sendo vítimas de bullying, isolamento, depressão, raiva, tédio, perfeccionismo, frustração, estresse e evasão escolar.

Essas situações podem ser evitadas através da ação preventiva do professor.

- Os estudantes com altas habilidades/superdotação não se sobressaem em todas as áreas. Eles podem estar à frente dos outros estudantes em algumas e atrás em outras. Procure identificar os pontos fortes e fracos dos estudantes de sua classe.
- Quando o estudante com altas habilidades/superdotação terminar suas atividades antes, não ofereça mais atividades, pois pode restringir o interesse pelo tema ensinado. Permita que o estudante passe para outros projetos, leituras ou pesquisas do seu interesse.

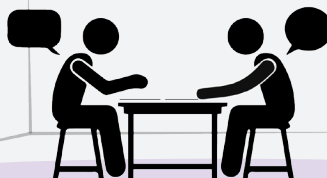
RECOMENDAÇÕES GERAIS

The background features a large, solid blue circle on the left side. Overlapping this and extending towards the right are several thin, light blue and grey lines that form arcs and partial circles, creating a sense of movement and depth. The overall color palette is monochromatic, using various shades of blue and grey.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

Caso não tenha sido constituído o setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas no seu campus, para lidar com as questões de inclusão, encaminhe as demandas ao diretor de Ensino, para que ele busque os caminhos institucionais mais adequados.

Docentes do IFBA que desenvolvem projetos na área de inclusão, em especial desenvolvimento de Tecnologias Assistivas, devem buscar aproximação com o setor de Atenção a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas e com o professor do AEE, para uma articulação entre pesquisa e prática e para benefício de todos os envolvidos.



REFERENCIAL TEÓRICO

American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 / [; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

BRASIL. Decreto n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília-DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> . Acesso em: 11 Jun. 2019.

Comunidade Aprender Criança. Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas. Editora Instituto Glia, 2014 (cartilha). Disponível em: <<http://www.aprendercrianca.com.br/384-cartilha-da-inclusao-2>>. Acesso em 07fev2018.

EducaMais: Pais & Filhos Felizes!. Desenvolvido por: Cláudia Pereira, Sara Rothes e Gaspar Pereira. Características da discalculia. Disponível em: <<http://educamais.com/caracteristicas-da-discalculia/>>. Acesso em 05dez2018.

FLEITH, D. S. (org) A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação: volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 80p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>> Acesso em 06fev2018.

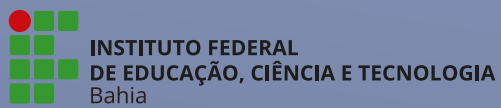
GIL, M. (Coord.) Educação Inclusiva: o que o professor tem a ver com isso?. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ashoka Brasil, 2005. Disponível em: <<http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.161.pdf>>. Acesso em 05dez2018.

Língua Brasileira de Sinais. Coordenação de Niclaudia Barros Veiga. Comunicando-se com um Surdocego. Disponível em: <<http://guarulibras.blogspot.com.br/p/comunicando-se-com-um-surdocego.html>> Acesso em 05dez2018.

LOUZA, M. TDAH: Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/crianca-2/tdah-transtorno-do-deficit-de-atencaohiperatividade/>> Publicado em 14/03/2013. Revisado em 27/10/2017. Acesso em 05dez2018.

SCHIRMER, C. R; BROWNING, N.; BERSCH, R.; MACHADO, R. Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Física. SEESP / SEED / MEC Brasília/DF. Curitiba: Gráfica e Editora Cromos, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_df.pdf>. Acesso em: 06fev2018.

SILVA, A. F.; CASTRO, A. L. B.; CASTELO BRANCO, M. C. M. A Inclusão Escolar de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais: deficiência física / Brasília: Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, 2006. 67p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica.pdf>>



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Bahia